



Nyamekye Zungo

UMA MORTE SEM PIEDADE

**A  
BOCA  
NO  
CANUDO  
DA  
COVA**

Título: A BOCA NO CANUDO DA COVA

Autor: Nyamekye Zungo

Design de capa: Nyamekye Zungo

Arte de capa: Canva

Revisão: Nyamekye Zungo

Facebook: [Nyamekye Zinho](#)

Instagram: [nyamekye\\_zungo](#)

WhatsApp: + 244 931 291 668

1ª Edição: 2021

Todos os direitos reservados. Você não pode copiar, exibir e criar obras derivadas nem fazer uso comercial deste opúsculo sem a devida permissão do autor.





Nyamekye Zungo, pseudónimo literário de Nelson Nianga Mandela Emílio, nasceu no Luena, Moxico, aos 5 de Outubro de 2004, é escritor, bloguista, estudante do curso Técnico de Finanças no Instituto Médio Comercial de Luanda (IMCL), CEO e fundador do portal literário Mwangolé das Letras. Jovem escritor, que começou a escrever em 2019, é aficionado pela leitura e língua portuguesa, escreve contos, literalmente, de literatura africana baseados em ficção e quer seja sobre o quotidiano. É autor das obras: ‘A boca no canudo da cova e ‘2 Lápis, 2 Borrachas.’ O contador de histórias e leitor, frisa que “O mundo não precisa de armas, mas só precisa de livros para enfrentar batalhas.”

## **Introdução**

Este conto tem como objectivo ensinar aos leitores a importância de refletir antes de tomar decisões, uma história simples, mas com elementos românticos, dramáticos e um mistério surpreendente, com o intuito de promover mudanças na sociedade, para leitores de todas as idades, ensinar às crianças a importância de ouvir os conselhos dos pais, seguirmos nossos próprios caminhos, mesmo diante de influências positivas ou negativas. Mas se tomarmos decisões equivocadas, teremos que lidar com as consequências sem piedade.

## **A Boca no Canudo da Cova**

A vida não me esgotou, mas eu fui tão faminta por ela, fiz com que ela não falasse mais comigo, fui teimosa, emocionalmente confusa e acabei me afundando ainda mais. Yelissa, é o meu nome, uma menina de quinze anos, filha de pai português e de mãe angolana, quer dizer, tinha dupla nacionalidade. Morava com meus pais no Bairro Popular em Luanda, Angola. Fazia regularmente os trabalhos de casa para praticar os exercícios e conteúdos ensinados pelos professores do Colégio Mara e Tânia. Meu pai certa vez me deu o seguinte conselho:

— Filha, entenda bem o que vou lhe dizer. Escolha bem seu caminho de vida, porque o pior é um terror solto que apaga vidas humanas impiedosamente.

— Sim, vou seguir seu conselho, papá – disse eu.

— Uau, que bom ter uma filha tão educada! – exclamou meu pai.

Todos os dias, eu ouvia os conselhos dos meus pais e era muito educada. Só que, como as coisas mudam de tempo a tempo, chega uma ocasião em que essa educação é descartada por mim.

Numa tarde, na escola, de repente, aparece um jovem. Era o último período de aula, faltavam apenas quatro minutos para terminar. Vi-o pela janela da escola, ele usava correntes de prata e ouro tanto no pescoço quanto no pulso.

— Olá, moço! – cumprimentei.

— Olá, tudo bem, moça? – respondeu ele

— Tudo e contigo, moço?

— Também estou bem. Como te chamas?

— Chamo-me, Ye... Yelissa e você?

— Chamo-me, Dumba.

— Vives aonde?

— Vivo no Bairro Popular e tu?

— Oh, também vivo aqui no Bairro Popular! – respondi.

A nossa conversa não parava de fluir, as palavras pareciam não ser derradeiras. Já o considerava como alguém genuíno em minha vida. Dumba convidou-me para subir em seu carro, já eram dezoito horas, sabia que tinha que regressar para casa, mas segui o que indubitavelmente queria, sem se importar com os conselhos dos meus pais. Enquanto ninguém viu nada, fomos conversando junto ao seu carro. Dumba elogiou:

— Tenho que admitir que você é muito linda.

— Oh, que fofo! – elogiei.



— Você não parece ser angolana.

— Na verdade, sou de dupla nacionalidade. O meu pai é português e a minha mãe é angolana - expliquei.

— Ahm, percebi. Tens quantos anos?

— Tenho dezoito anos e tu? – menti e perguntei.

— Eu tenho vinte anos – também menti.

O meu corpo parecia-o de uma mulher de vinte e cinco anos de idade, era muito atraente, gostava de usar um chapéu preto feminino muito giro. Menti ao Dumba, porque nunca quis que ele soubesse da minha verdadeira idade, e além disso, já estava totalmente apaixonada por ele, nem sequer sabia definir se aquilo era paixão ou amor. Naquela época, estudava em um colégio, onde a entrada era às treze horas e a saída às dezessete horas e trinta minutos.

— Foi bom conhecê-la – disse Dumba.

— Eu não gostei, mas amei! – exclamei.

O meu coração disparou de amor, parece que naquele dia, tinha encontrado o alívio na minha vida. Apesar de estar muito feliz, também estava um pouco preocupada com os conselhos dos meus pais. Já eram vinte e uma horas, era o meu primeiro dia de ter chegado tarde em casa. Ao entrar muito tarde, não sabia o que me esperava, abri a porta do quintal pausadamente, e quando cheguei à sala, de repente assustei-me:

— Quem é esse?!

— A essa hora, por quê, filha? – era o meu pai, questionando-me.

— Cheguei muito tarde, porque o professor de Educação Moral e Cívica (EMC), mandou um trabalho em grupo, pois fui até à casa da minha colega para fazer o trabalho – menti.

— Trabalho? Se há alguma coisa errada, convém falar com os teus pais – alertou meu pai.

— Não há nada de errado, simplesmente foi um trabalho em grupo, papá – menti novamente.

— Ok. Agora, vai mazé jantar e depois dormir! – disse o meu pai, desapontado comigo.

Depois de ter ouvido tudo, fiquei muito zangada, depois do jantar deitei-me. A minha mãe, como estava muito preocupada comigo, acordou e veio até ao meu quarto, pois, notei que ela estava a me apreciar, fingi-me de estar a dormir, porque não queria conversar com ela. Ficava muito entediada em acordar cedo para revisar os trabalhos de casa e nem sequer queria agregar mais os conselhos dos meus pais. Quando acordava, a primeira coisa que passava pela minha cabeça era o nome do Dumba, nada me fazia parar de pensar nele. Naquela altura, ainda não tinha maturidade exata, mas fingia tê-la para ficar em paz com o Dumba. Tinha

comportamentos imprevisíveis, já não pensava antes de agir, faltava às aulas da escola sem que os meus pais se apercebessem de nada. Sempre me encontrava com o Dumba, um jovem desconhecido que encantou a minha alma. Tudo estava indo tão rápido, comecei a perder o sentido da adolescência.

No encontro que marcamos, conversávamos sobre nós e começaram a surgir beijos e abraços com paixão.

— Yelissa, estou apaixonado por você. Queres namorar comigo? – pediu Dumba.

— Claro que aceito, vida – aceitei sem pensar.

— Vou dar-te tudo, gata – disse Dumba.

— Ai, meu rico. Te amo! – exclamei como uma louca apaixonada.

Na verdade, já estava perdida há muito tempo, encantei-me com a sua presença, a presença de um

jovem que pouco conhecia, mas o meu coração não queria saber de nada disso, porque tinha consciência do que realmente queria.

No dia seguinte, no outro encontro, Dumba perguntou:

— Que tal apresentares-me aos teus pais?

— Esquece! Eles não aceitarão, pois fugirei contigo, amor – falei.

— Vamos a isso, gata! – disse Dumba, todo entusiasmado.

Como o meu pai estava tão preocupado comigo, antes de ir ao seu serviço, ligou para o meu professor de Educação Moral e Cívica (EMC), para saber se realmente ele tinha mandado um trabalho. Enquanto meu pai conversava no quintal, eu saí do meu quarto e fiquei na sala para ouvir toda a conversa.

O meu professor atendeu:

— Bom dia, Sr. Ekuikui Cassenda!

— Bom dia, Prof. Dikwenze Chimboma! –  
respondeu meu pai.

— Em que devo ajudá-lo? – perguntou meu  
professor.

— Quero saber se você mandou algum  
trabalho aos seus alunos.

— Em grupo?

— Sim.

— Não, não... Sr. Cassenda, não mandei  
nenhum trabalho em grupo até este mês.

Depois o meu pai, foi trabalhar. Como  
percebeu que não havia trabalho em grupo, liguei  
imediatamente para Dumba, arrumei as minhas  
coisas, a minha mãe não estava em casa, então,  
proveitei para sair e ir atrás do meu amor, pois  
fugimos na hora!

Fui morar no Kilamba sem que meus pais soubessem, e eles só perceberam que eu havia fugido quando olharam para o meu quarto à noite antes do jantar e viram que minhas roupas e eu não estavam lá. Eles chamaram a polícia e divulgaram minha foto em programas de TV de pessoas desaparecidas. Eu vi minha foto no programa Fala Angola, mas ignorei. Cinco anos depois, quando fiz vinte anos, Dumba começou a mudar e se comportar de forma imoral, chegando bêbado em casa e me agredindo sexualmente. Pensei que ele pudesse me fazer feliz e ser uma virilidade em minha vida, mas estava errada. Meus pais me procuravam, mas eu não podia fazer chamadas porque Dumba não permitia. Um dia, enquanto ele estava fora de casa, vasculhei seus documentos e descobri que ele era soropositivo para o vírus HIV e um pedófilo de 34 anos com um passaporte para África do Sul. Peguei o dinheiro que tinha e fugi para viver com mendigos. Quando o dinheiro acabou, entrei em uma casa de

prostituição para ganhar dinheiro. Minha saúde piorou e fiquei desnutrida, sem peso e perdendo minha aparência saudável. Uma senhora que me ajudou a encontrar a casa de prostituição depois me chutou e fui forçada a voltar para as ruas.

Numa noite, quando estava numa rua muito isolada do Kilamba, dormindo no chão próximo de um contentor de lixo, de repente, levei um susto ao ser atingida por uma tábua pesada. Olhei e vi que era o Dumba me batendo. Perguntei-me como ele me encontrou, será que estava sendo perseguida? Nem fazia sentido. Ele estava usando um casaco preto, o mesmo que usava quando nos encontrávamos às escondidas. Eram vinte e duas horas. Gritei por socorro, mas não havia ninguém por perto para me ajudar. Recebi dez tapas e dez chutes, todos direcionados ao meu rosto. Em seguida, ele pegou um ferro e bateu com força na minha cabeça, abrindo meu crânio. Infelizmente, comecei a sangrar. Ele assistiu à minha morte e depois me colocou dentro



do contentor de lixo antes de ir embora. A morte me engoliu... a morte me matou.

Na manhã seguinte, um dos meus ex-colegas do Colégio Mara e Tânia chamado Nkanga Nkosi, que morava do outro lado da rua isolada, viu meu corpo de forma chocante no contentor quando estava jogando o lixo fora. Ninguém sabia que tinha sido o Dumba que me matou. Mesmo que a polícia soubesse, não conseguiriam encontrá-lo porque ele já não estava em Angola, mas sim na África do Sul. Em uma semana, Nkanga Nkosi procurou meus pais e informou-os sobre o que tinha encontrado. Meus pais não acreditavam, só acreditaram quando me viram na morgue. Fui enterrada no Cemitério da Santana. Meu pai foi o principal visionário do que poderia acontecer comigo, mas não ouvi seu conselho, e aqui estou eu, apagada deste mundo...

A vida não me esfaqueou, mas fui eu que a devorei com tanta fome, transformando sua

continuidade em silêncio em relação a mim. Fui teimosa, emocionada, atrapalhada e acabei por cavar minha própria sepultura. Assim, transformei minha vida em um consumismo em direção à morte...

“Antes de seguirmos nossas próprias vidas, precisamos primeiro ouvir os conselhos daqueles que nos causam.”